



“ **O INTERNO NÃO AGÜENTA TINTA**”^{1,2}

Leda Maria Codeço Barone

Eixo: O Corpo na clínica

Palavras-chaves: corpo, manejo clínico, escrita da clínica, metodo psicanalítico

Resumo

O trabalho trata do relato do atendimento psicanalítico de uma paciente cujos sintomas principais eram vividos no corpo. A paciente perdeu todos os cabelos e pelos do corpo, sofreu dois abortos e absorção das raízes dos dentes que são e bonitos corriam o risco de cair. O trabalho discute o manejo clínico desses pacientes e a importância do método psicanalítico: a interpretação como ruptura de campo. Considera a escrita do analista como um momento de teorização do vivido na transferência e como trabalho de luto pelo fim da análise.

Desenvolvimento

I - Escrita, trabalho de elaboração do analista.

Certo dia Kimie diz: - *Tive um pensamento: Vou parar a análise.*

¹ Machado de Assis, (1899), Dom Casmurro, Em: Machado de Assis, Obra Completa. Editora Aguilar, Rio de Janeiro, 1979.

² Este trabalho foi objeto de estudo em um Seminário Clínico. Do Seminário ficaram algumas anotações dos colegas, pelo que, expresso a todos, meus agradecimentos pelas ricas contribuições.

Confesso que fiquei perplexa, e começo este relato com o fito de fazer uma espécie de trabalho de luto pelo fim dessa análise que durou seis anos. Sim, trabalho de luto, porque uma análise, no meu modo de ver, é como um organismo vivo. Nasce, cresce e morre. Às vezes de acidente, outras de morte natural. Porém, não importando o modo, toda morte clama por um trabalho de luto.

Também não posso dizer que a decisão de parar não tenha sido anunciada por pequenos indícios, mesmo assim causou-me forte impacto, pois nós analistas temos o hábito de desejar sempre mais análise. Sendo o analista tantos em uma análise, ele escreve para *“reencontrar o nome próprio”*³. Ao emprestar corpo e alma a seu ofício, ao ser tantos e ninguém na relação com seu paciente, o analista necessita, ao final de uma análise, de uma espécie de trabalho de elaboração e de recuperação de sua identidade. Quem sabe a escrita possa ser um modo de elaboração do luto do analista. Da mesma forma que a narração dos males em presença do analista o é para o analisando.

II - Um aparte machadiano.

Conta *Dom Casmurro* que mandou construir uma casa com o desejo de reproduzir na velhice, a da infância e juventude. Seu fim era atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice, a adolescência. *“Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e sala”*. Porém confessa em tom melancólico: *“Pois senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá, um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta.() Foi então que os bustos, pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: ‘Aí vindes outra vez, inquietas sombras?’*

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo.

³ Delorenzo, R. M. T., Mezan, R. e Cesarotto, Narrar a clínica. Percurso, Revista de Psicanálise. São Paulo. Ano XIII, no. 25, 2000, p. 107. “O psicanalista talvez escreva, como sugere Pontalis, para reencontrar seu nome próprio já que, pela transferência, presta-se a receber tantos nomes que não o seu”.

Desse modo viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro...”⁴

III - Kimie chega à análise.

Kimie procurou-me em uma tarde de novembro. Por telefone, com voz suave mas precisa, apresenta-se e diz que gostaria de fazer análise.

Recebo uma mulher de compleição miúda e delicada, que desde o primeiro contato me inspirou cuidado, aquele cuidado que dispensamos aos objetos frágeis e fugidios. Impressionou-me a quantidade de informação que me confiou nas três entrevistas iniciais que precederam à análise. Confiança genuína na análise, ou, se se quiser, uma entrega íntegra. Talvez pela pouca familiaridade com os jargões e trejeitos da cultura psicanalítica e mesmo pelo desconhecimento do modo de operação do método, dava a impressão de não oferecer resistência. Modo particular de ser na análise: entregava o ouro sem resistência. Talvez por isso me inspirasse tanto cuidado.

Lembro-me, numa supervisão de sua análise, ao procurar uma imagem com que pudesse apreender o fugidio da impressão que me causava Kimie, compará-la ao reflexo de um vaso de porcelana no espelho d'água. Pois Kimie se expressava como se fosse um reflexo no espelho d'água, que ao menor toque, se dissipava. Portanto tinha que tomar cuidado com minhas intervenções. Na supervisão seguinte, meu supervisor⁵ presenteou-me com o seguinte *haikai* interpretativo:

Reflexo

“À beira do lago,

Vejo-me atirando pedras.

Estremeço n'água”.

Kimie procurou análise algum tempo após uma depressão que durara cerca de um ano. Antes da análise, recorrera a diferentes especialidades médicas e recursos diversos para seu sofrimento, mas em vão. Procura a análise como última tentativa, um tanto envergonhada e temerosa pois não é de seu costume falar. Muito menos com estranho. Mas precisava tentar. Ela é de origem japonesa, *nissei*, criada em ambiente tradicionalmente oriental.

⁴ Idem, p. 810.

⁵ F. H.

IV - Sintomas.

O período de depressão foi vivido com uma série de sintomas como: perda dos cabelos e dos pêlos do corpo, com exceção dos pubianos; sensação de frio muito intenso, ao qual se referia como *o frio da morte*, em algumas noites, o que a deixava paralisada na cama; sensação de ter algo muito estranho no rosto, ou melhor, na metade esquerda do rosto. Às vezes, sentia que esta metade estava quente, inchada, vermelha, anestesiada, ou mesmo deformada. Olhava-se no espelho e via que um lado dele não estava igual ao outro, porém as pessoas da casa não reparavam a diferença, o que a enchia de medo de estar ficando louca; não suportava ouvir a voz dos filhos, deixando-os aos cuidados do marido.

Além desses sintomas queixou-se de não conseguir falar nem expressar seus sentimentos. E de não conseguir chorar de jeito nenhum. Como exemplo extremo conta que perdera um filho recém-nascido, o que a tocara profundamente, mas que a deixara emudecida e anestesiada, não conseguindo nem mesmo chorar.

Além de perder os cabelos, Kimie também teve absorção das raízes dos dentes, que, embora são e bonitos, estavam na iminência de cair. Teve dois abortos, além do filho que dizia natimorto.

Kimie localiza o início de seu sofrimento quando da volta para sua cidade, após uma tentativa frustrada de viver em outra cidade. De início não desejava mudar-se, mas aceitou por insistência do marido. Não dando certo, porém, a experiência, voltaram, frustrados e cobertos de vergonha.

V – Vergonha

O japonês sofre de vergonha, e a vergonha relaciona-se ao fato da igualdade. Numa cultura fortemente hierarquizada e na qual a miscigenação é mínima, *“o sentimento de semelhança faz com que cada um se sinta visto por um outro que é ele mesmo. Meu olhar duplica-se no outro e o superego deixa de ser assunto privado, consciência pessoal para revelar muito mais evidentemente sua natureza social. O cerco de olhares identificatórios pode elevar, mas muito mais rebaixar, condenar, proscreever. Assim um ato condenável o é de forma absoluta e ubíqua, todos compartilhem da mesma opinião”*⁶. Kimie, por isso, não

⁶ Herrmann, F., Relato em Seminário Clínico, não publicado. Ver também Herrmann F., O porquê e o tempo na terra de Hotu Matua. Em: Fabio Herrmann, O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, 2a. Edição, e Herrmann, F., A inveja envergonhada. Em: Fabio Herrmann, A infância de Adão e outras ficções freudianas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

pode suportar o sentido de condenação trazido pelo fracasso de sua empreitada. Se não fez o *harakiri*, desmanchou-se.

Mannoni⁷ propõe uma teoria da vergonha, freudiana - ainda que Freud jamais a tenha enunciado - a partir do que Freud afirma no texto *Psicologia de grupo e análise do ego*. Neste, Freud discrimina uma identificação no nível do *ideal do eu* de outra no nível do *ego*, sugerindo que a primeira consolida os laços do grupo enquanto que a segunda, quando denunciada, produz o ridículo. A esta idéia de Freud, Mannoni acrescenta a vergonha. Para ele o ridículo provoca a ruptura da identificação e a ruptura provoca a vergonha. Assim vai propor que a “*vergonha é a ruptura de uma identificação no nível do ego*”. Lembrando ainda, como Freud, que os escritores criativos são nossos professores, Mannoni aponta que Beatriz, no *Beretto a sonagli* de Pirandello, para escapar da vergonha, *simula* a loucura.

Kitayama⁸, analista japonês, ao comparar suas experiências clínicas em países do ocidente à sua experiência no Japão, relata não haver diferença clínica no desejo latente e ansiedade das pessoas neuróticas nas duas culturas. Afirma no entanto que há algo característico no japonês no que diz respeito a seus processos mentais de defesa, tanto em relação ao desejo quanto ao conflito. Diz então: “*Meu trabalho clínico com pacientes japoneses mostra que a vivência de vergonha é um sinal de defesa do medo de ser revelado e de sentir-se repugnante e a análise do folclore e dos mitos japoneses sustenta este argumento*”⁹.

Ainda neste trabalho, Kitayama chama a atenção para o manejo da técnica com estes pacientes. Sugere que o analista preste especial atenção a uma cuidadosa análise da relação transferencial centrada na experiência de vergonha, que surge não como resistência, mas como o *método revelador* da psicanálise.

VI - O percurso da análise.

O início da análise caracterizou-se por um período no qual Kimie contava detalhadamente sua vida cotidiana além de todos os seus sintomas daquele ano de depressão. Repetidas vezes ela se emocionava muito com o que contava, experimentando ali na sessão os sofrimentos passados. Porém, se eu fizesse alguma intervenção interpretativa, sinalizando um outro sentido naquilo que contava, ela não entendia, pedia explicações ou tomava ao pé da letra o que eu falava. Eu sentia que ela se agarrava a

⁷ Mannoni, O., A Palmatória. Em: Octave Mannoni, Isso não impede de existir. Campinas: Papyrus, 1991. Pp.55-72.

⁸ Kitayama, O., A receptividade do terapeuta, no Japão, frente as experiências do paciente envolvendo vergonha e sentir-se exposto. Em: IDE – São Paulo:, (20): 58-65, 1991.

⁹ Idem, p. 59.

qualquer coisa dita por mim e que pudesse representá-la. Porém utilizava minhas palavras mais como prótese ou tábua de salvação, do que propriamente como elaboração. Passei a ouvir mais e a falar menos, pois me inquietava o fato de ela aderir tão prontamente ao que eu falava.

Depois de alguns meses do início da análise Kimie começa uma atividade onírica desenfreada. Sonhos em profusão, como se a rede associativa fosse conduzida através da produção de sonhos e imagens. Começou a trazer seus sonhos, que me chamaram a atenção pela vivacidade, embora fossem pobres as associações. Pobres ou mágicas, como se ela tivesse uma chave fixa de interpretação. Muitas vezes tomava os sonhos como um aviso, uma premonição. Outras, interpretava ao pé da letra. Também não eram sonhos para interpretar, como acontece com os de outros pacientes. Davam mais a impressão de que os sonhos eram a própria percepção de vida da paciente, como se houvesse uma continuidade entre estado de sonho e de vigília. *“Dá sua opinião com uma ingenuidade tocante, muito próxima da alma, juntando cada elemento onírico ao possível resto diurno, como se lhe fosse natural a ponte cuja construção, com outros pacientes, demanda esforço tão persistente e a superação de resistências tão acentuadas”*¹⁰.

A experiência de análise, aos poucos, vai transformando os sonhos em dito regular e aceitável pelo interlocutor. Sobressai relatos da confusão vivida no seio de sua família de origem. Confusão entre ela e sua mãe e entre ela e seus irmãos. Confusão entre sentimentos e realidade. Entre vida de vigília e fantasia. Suas falas agora giram em torno da questão: *quem sou eu?* Pela análise vai-se *construindo ou reconstruindo o espaço intermediário entre duas exterioridades – a social e a corporal – lugar de um possível mundo de significados emocionais*¹¹.

VII – Confusão e isolamento.

Num almoço de família, por ocasião da Páscoa, Kimie sente-se muito estranha. É acometida de um sono e de um frio terríveis que ao mesmo tempo: lembrava-lhe *o frio da morte*, o sono que sentia por ocasião do período da depressão, e, a inundava de angústia. Diante dessa situação desejou isolar-se. Procurar um quarto para deitar-se e sair do convívio da família. Mas pensou nas críticas que ouviria de sua mãe e irmãos: *Outra vez com sono?!* Assim preferiu não isolar-se mas ficar na sala conversando com as pessoas e brincando com as crianças.

¹⁰ Fabio Herrmann em relato do seminário clínico.

¹¹ Idem.

Um pouco depois do almoço seu irmão falou-lhe: - *Mãe, estou com fome!* E Kimie muito espantada me diz: - *Leda, ele me chamou de mãe.* E diz, *sua mãe está lá,* apontando para a mãe. Em seguida este mesmo irmão pede-lhe que faça massagem em seus pés e Kimie então retruca: - *Pode parar. Veja só se vou massagear seus pés!* Mas sua sobrinha aceita fazer a massagem, e Kimie me diz: - *-Ái vi minha sobrinha massageando os pezinhos...* Kimie pára e conserta: *os pés de meu irmão.* Eu então retomo: - *mas você falou pezinho...*

Este fragmento foi de uma sessão densa, na qual também fiquei impregnada do mal estar e constrangimento que Kimie parecia sentir. No entanto percebi que Kimie era capaz de sentir coisas estranhas em vez de sonhar¹² e de reconhecer que é ela que sente e numa determinada situação. Fica também evidente a pouca diferenciação entre Kimie e seus irmãos e entre Kimie e sua mãe. O isolamento talvez fosse sua tentativa de preservar o rudimentar sentimento de identidade e o mal estar – dela, no almoço, e meu, na sessão – parece-me que indica a fragmentação ou mistura de identidade, coisa que é mais perturbadora muitas vezes que a agressividade, a hostilidade ou a violência.

VIII- O corpo padece do que não pode ser formulado em palavras.

Kimie, japonesa de origem, foi criada em ambiente tradicional. Casada, foi morar por cinco anos em outra cidade acompanhando o marido. Voltou frustrada pelo insucesso da empreitada, tendo que retomar a vida em sua cidade natal. Ao chegar, o desastre começa. Sofre no corpo toda sorte de desenraizamento. Perde os cabelos e pêlos do corpo, tem ameaçadas as raízes dos dentes, sofre abortos. Dos sentimentos ressalta a vergonha e revolta pelo insucesso. Dizia: *perdi o chão. Não me reconhecia mais. Não sabia mais quem sou.* Lembra do imperativo de sua mãe por ocasião de seu casamento: *Na família japonesa quando a mulher casa, sai da casa paterna e vai para a família do marido.* Tendo perdido a casa dos pais pelo casamento e fracassado em sua entrada na família do marido, Kimie fica no ar, não tem onde fincar suas raízes. Por faltar instrumento de comunicação psíquica de seu sofrimento e perda na confusão entre duas culturas, Kimie não sabe como protestar a não ser por auto-agressão. Premida pela vergonha causada pelo insucesso e devido aos poucos recursos de elaboração, Kimie sucumbe diante do trauma experimentado.

¹² Lembro aqui a particularidade dos sonhos desta paciente que, diferentemente do sonho em outros pacientes, eram mais a expressão da pouca distinção entre vida de vigília e sono.

Como argumenta Fain: *“Para cada um existe um limiar além do qual, a despeito de nossos esforços de representação, de verbalização, nossa própria carne corre perigo”*¹³.

Assim, quando não é possível representar, o corpo entra em cena. A representação¹⁴ dá folga ao corpo, pois o corpo padece do que não pode ser formulado em palavras. E Kimie é então um corpo que se desmancha: caem-lhes os cabelos, tem seus dentes ameaçados, sofre dois abortos e tem um filho natimorto. Sente o frio da morte quando se deita para dormir e a sensação de ter um rosto deformado.

IX- O analista empresta o corpo ou este lhe é roubado.

Tenho o hábito de nadar e num certo domingo aproveitei a folga costumeira para fazê-lo. Ao atravessar a piscina vejo um menino, japonês, aparentando uns cinco anos que nadava em minha direção. De repente vejo que ele se encontra em apuros. Tem dificuldade em manter-se sobre a água e debate-se. Reparo que seu pai encontra-se na borda da piscina, vestido, e assustado. Da borda, ele tenta encorajá-lo a continuar o percurso mas percebo que o garoto também está assustado. Não sei se com medo de afogar-se ou de decepcionar o pai. Aproximo-me dele, que a princípio parece dispensar a minha ajuda. Mas pelo arregalado dos olhos sinto que ele está aflito e então pergunto se ele quer ajuda. Suavemente começo a nadar de costas e apenas com um pequeno apoio de minha mão levo-o até a borda onde seu pai o aguardava.

No dia seguinte recebo Kimie para a costumeira sessão de segunda-feira. Ela inicia a sessão contando-me um sonho. *“Sonhei que vi uma menina afundando numa piscina e que uma mulher pulou na água salvando-a de afogamento”*. Ao ouvir fui assolada por alguns pensamentos. Será que ela estava também no clube? Ou alguém que estivera contou para ela? Seria coincidência? Ela lê meus pensamentos? Vive minhas experiências? Não falo nada e aguardo intrigada com estes pensamentos. Mas um tanto perplexa. E ela continua. Diz que o sonho era igual a uma experiência infantil. Certa vez, estava tomando banho de piscina em sua casa enquanto sua mãe tomava sol na beira da piscina. De repente começou a afogar-se. Ficou com muito medo, chamou várias vezes sua mãe que absorta na leitura não a acudiu. Até que conseguiu com muito esforço voltar para a parte rasa da piscina. Fala de uma mãe fria e centrada em suas coisas e sem disponibilidade para ajudá-la.

¹³ M. Fain, apud Nicos Nicolaïdis, O objeto “referente”, Falha de representação. Em: A Representação. São Paulo: Editora Escuta, 1989, p. 72.

¹⁴ Herrmann, F., Prólogo: O escudo de Aquiles: sobre a função defensiva da representação. Em: Fabio Herrmann, Psicanálise da crença. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, pp.9-19.

E finalmente conclui que o sonho representava a situação de análise em que a analista a salvava da confusão e afogamento que era sua vida.

Até hoje não sei muito bem o que pensar deste sonho, a não ser acreditar que numa análise estamos muito mais implicados do que queremos ou sabemos estar. O analista empresta corpo e alma a seu ofício. Em todo caso posso aproveitar a experiência do salvamento para aventar algumas idéias sobre o trabalho de análise. É um trabalho feito pela dupla. O analista empresta a mão/escuta enquanto desliza no campo transferencial e o paciente deve fazer o esforço de nadar/associar. Também penso na suavidade exigida, ao analista, por certos pacientes.

X – Mãe

Kimie dizia ser muito apegada à sua mãe. Como filha mais velha era sua substituta junto aos irmãos mais novos, duas meninas e dois meninos. Nos domingos, enquanto sua mãe saía para jogar *golf*, ela ficava em casa cuidando dos irmãos, da comida, da casa. Como dizia, nunca entrava em atrito com sua mãe, pois era obediente e servil. Mesmo depois de casada continuou a fazer as compras de supermercado e feira para sua mãe. Mas tinha muito medo dela, “*não porque ela própria tivesse sofrido alguma agressão*”, mas pelas ameaças que ela fazia a uma irmã mais nova que a desafiava. Conta que certa vez a mãe ameaçou colocar esta irmã na máquina de lavar roupas e que chegou a colocá-la em um saco fechado para que fosse levada de casa por um velho que passava por lá regularmente o que provocava ainda mais a ira desta irmã e pavor em Kimie.

Considerava a mãe pouco afetuosa, suas palavras eram sempre ordens, imperativos e críticas, dizia. Nessas ocasiões falava sempre em japonês, como sua mãe, e depois traduzia para mim. Essas falas, em sua maioria, eram repreensões, ditados de cunho superegótico e de fundo moralista, fazendo-me supor que a língua materna não portava emoção, mas imperativos. Uma vez contou-me o seguinte sonho: “*Estava gritando, mas não saía voz. Queria pedir socorro, mas só saíam palavras em japonês. Queria pedir socorro e não conseguia*”. Palavras em japonês incapazes de trazer o socorro necessário. Palavras não acolhidas pelo destinatário. A voz é corpo e anterior à palavra. Antes mesmo que a criança possa falar, ela brinca com sua voz, seus gorjeios e alaridos numa troca sonora e emocional com sua mãe e meio. Com a aquisição da fala, a voz encarna a palavra e expressa o estado de alma. No sonho de Kimie há um corte brutal entre voz e palavras em japonês. Palavras estas desencarnadas?

Em outra ocasião, durante um jantar de família, Kimie sente uma espécie de arrepio que a faz lembrar do tempo em que se trancava no quarto, anestesiada, com a cabeça agitada, em confusão e muda. Na sessão, conta: “*Sabe, no jantar da semana passada, minha mãe*

falou que quando tinha visita em casa, ela me trancava no quarto porque senão eu ia falar o que não devia. Minha mãe falou assim: 'Lembra pai (referindo-se ao marido) como era difícil prendê-la no quarto quando ia visita em casa?'"

Encontrei na descrição que Green faz do desinvestimento materno, no que ele chama de *complexo da mãe morta*, alguns pontos interessantes para pensar a problemática de Kimie. Ele fala de uma identificação em espelho, uma espécie de simetria reativa, como um mimetismo, cuja finalidade seria - por não poder ter o objeto - "*continuar a possuí-lo, tornando-se não como ele, mas ele mesmo*"¹⁵.

XI - O trabalho de supervisão.

Quando iniciamos uma análise, de fato, não sabemos onde iremos chegar. O contato na sessão, entre analista e seu paciente, tão próximo e ao mesmo tempo tão enigmático, abre perspectiva de construção de pensamento, mas também de aprisionamento, o que torna necessário, para o analista, um outro espaço para elaborar as questões surgidas. Tal espaço pode ser o da supervisão, tanto para analistas iniciantes, como para os mais experientes, quando diante de um caso difícil. Outro espaço é o da própria análise pessoal quando algo da equação pessoal do analista entra em cena. E um outro ainda é o da escrita.

Porém, é a supervisão o espaço privilegiado no qual se revelará o sintoma da análise, os problemas da memória e de possibilidade de teorização.

São muitos os impasses, as questões, as crises pelas quais passamos num processo de análise. Estando analista e analisando no mesmo barco, o campo transferencial, os problemas e questões afetam ambos, embora de maneira diferente. E estas questões e problemas, mesmo que à revelia do analista, são colocadas em cena na supervisão.

Numa certa supervisão sou assaltada por uma dificuldade inusitada de lembrar-me de qualquer material das últimas sessões para discutir com meu supervisor. Eis que percebo em mim o mesmo mal-estar experimentado durante algumas sessões com a paciente. Trata-se de um torpor¹⁶, uma sonolência e mesmo de uma confusão e impossibilidade de pensar. Pouco a pouco vou podendo reconhecer que o que experimento é da mesma

¹⁵ Green, A., A mãe morta. Em: André Green, Narcisismo de vida. Narcisismo de morte. São Paulo: Editora Escuta, 1988, p.258.

¹⁶ "Alvarez, A. Companhia viva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. O psicoterapeuta tem que ser capaz de ficar suficientemente perturbado para sentir pelo paciente e ao mesmo tempo ser suficientemente sadio para pensar com ele, até que o próprio ego do paciente, seu *self* pensante, cresça o bastante para ser capaz de fazê-lo por si mesmo" p.4.

natureza do experimentado durante as sessões com a paciente. Conversando com o supervisor, eis que vem a questão: *O que é que deitada Kimie deixa à mostra?* Logo me dei conta de que era o topo da cabeça, onde começara a aparecer uma grande falha de cabelo. Foi na supervisão, e não na sessão, que percebi o fato. Na sessão seguinte, no lugar do torpor percebo o silêncio da paciente. Sua hesitação em falar, seu balbucio, algum silêncio vazio. Falo: *Você hesita, balbucia algo não pode ser dito* E a paciente, surpresa diz não ter notado, mas que talvez eu tivesse razão. Associa seu silêncio ao que denomina *buracos-falhas em seu pensamento*, provocado pela percepção do surgimento de novas falhas de seu cabelo, e do medo de que tudo recomeçasse outra vez. Esta era uma forma costumeira sua de agir. Era uma forma de negar uma percepção dolorosa que acabara por afetar a minha própria.

Neste pequeno material reconheço alguns perigos da análise. Ao emprestar parte da alma a analista acaba por perdê-la inteira. É necessário um afastamento e espaço oferecido pela supervisão para recobrar a capacidade analítica.

XII - A técnica e o método.

Desde o início da análise de Kimie eu me debatia com uma questão importante. Ao interpretá-la ficava com a triste impressão de que ela se colava ao que eu falava. Parei de interpretar, pois via ali na minha frente alguém sendo montado a partir de minha fala, por sugestão. Ou, quem sabe, desespero. Parei de interpretar e aguicei minha escuta. Quem sabe não fosse melhor que desse mais atenção a outros sinais, como a entonação da voz, aos movimentos e pequeninas outras manifestações? Foi o que fiz, guiada mais por uma sensibilidade intuitiva que propriamente por consciência teórica.

A partir da experiência de supervisão troquei aquilo que estava chamando de sensibilidade intuitiva por confiança metodológica. Não sabia muito bem o que fazer, mas podia confiar para *deixar que surja e levar em consideração*¹⁷. Aos poucos cheguei a outro entendimento. Ficar ali a escutá-la, quase sem fazer nada, a não ser dar o testemunho humano vivo, teve o efeito de servir à paciente de *circuito realizador*.¹⁸ Era como se Kimie falando e se ouvindo ali na minha presença estivesse dando realidade, peso, substância aos

¹⁷ Deixar que surja e levar em consideração são movimentos interligados que deve o analista assumir na escuta do paciente. Deixar que surja é uma espécie de passividade receptiva enquanto que levar em consideração é uma receptividade ativa pela qual o analista retém o paciente diante de uma configuração psíquica. Ver em: Herrmann, F., *Andaimos do real. O método da Psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. P.180, 181, 182.

¹⁸ Circuito realizador: trata-se de conferir realidade à captação de sentidos emocionais. Ver em Fábio Herrmann, obra citada.

horrores que me contava, para, aos poucos, ganhar distância da confusão em que vivia e dar consistência a suas representações, e, quem sabe, depois, poder dar folga ao corpo.

Pois Kimie, por não poder representar o sofrimento psíquico, vive-o no corpo, ao mesmo tempo em que utiliza procedimento concreto para curar os males da alma. Durante a análise, Kimie colava-se imediatamente a qualquer interpretação minha, o que me levou, como já disse, a abster-me de dá-las. Coisa parecida aconteceu num certo momento da análise, quando desembestou a se submeter a diversas operações plásticas. Seu marido e sua filha sofreram grave acidente de carro, o que foi vivido com muita angústia e com dedicação ímpar, dedicação esta muito ao feitio de Kimie. Após um ano, esta filha começou a submeter-se a plásticas reparadoras de suas cicatrizes. Pois Kimie também começou a se “reformatar”. Mandou abrir os olhos “à ocidental”, colocar silicone nos seios, e chegou a marcar uma operação para diminuir o abdômen, quando se deu conta que o “buraco era mais embaixo” ou que **o interno não agüenta tinta**. Já resolvida a não mais fazer a operação, quase desistiu de desmarcar a cirurgia por vergonha de voltar atrás em sua palavra. Porém, na véspera do dia marcado, conseguiu falar para o médico que não faria naquela ocasião.

Quer a Teoria dos Campos recuperar o processo de teorização inerente à clínica, pois acredita que só se chega a compreender a teoria psicanalítica por meio de tentativas de produzi-la. Só assim, reconhece, pode o analista suportar o caráter provisório da teoria¹⁹.

Outros autores também tocaram a questão da fragilidade da teoria, indo ao encontro do método. Por exemplo, Mannoni²⁰, que tão bem argumenta a respeito da afirmação de Freud no *Homem dos Lobos*. Freud afirmara que a ciência analítica deveria ser colocada em questão a cada caso. Diz Mannoni que, com esta afirmação, Freud estava indicando que o saber exigido dele era em primeiro lugar passar pela ignorância daquilo que ele sabe.

XI- O trabalho de análise: a ruptura de campo.

Num certo dia Kimie inicia a sessão com um longo e inabitual silêncio, e reconhece: - *Como é difícil retomar a análise*. Eu espero. Ela fala que se aborreceu na véspera procurando um colar para ir à festa. Procurou em tudo que era lugar. Desarrumou a gavetinha onde havia guardado, e nada. Ficou nervosa, irritada. Eu acompanhava seu relato pensando: *Puxa, em vez de ir à festa, fica impedida* Ela continua dizendo que decidiu se

¹⁹ Comunicação feita por Herrmann em seminário clínico.

²⁰ Mannoni, M., Da paixão do ser à "loucura" de saber. Em: Freud, os anglo-saxões e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

acalmar e ir à festa. Desistiu de achar o colar. Diz então num ímpeto: *Sabe, depois senti meu braço ardendo e reparei que tinha esfolado na altura do cotovelo...* Mais silêncio. E comenta: - *Quando vim para cá, hoje, pensava: vou falar hoje pelos cotovelos e chego aqui e fico quieta. Olha, Leda, pelos cotovelos, foi perto do cotovelo que esfolei meu braço* " Falo então: ... *falar pelos cotovelos feridos....* A paciente levanta-se do divã, coça a cabeça no lugar das falhas dos cabelos.

Muitos são os caminhos possíveis para relatar a complexidade de uma análise. Reconhecendo que o vivido na sessão com nosso paciente é impossível de apreensão completa, proponho pensar a análise como trabalho de desconstrução imaginária do tecer, no qual se acompanha a trama de fios que se entrelaçam na urdidura compondo o tecido. Tecido complexo, apresenta-se às vezes de forma regular, outras irregular, com buracos aqui e acolá. Às vezes o fio vem visível, outras se esconde e temos que imaginar o percurso ao vê-lo surgir mais adiante.

Os fragmentos aqui narrados, entre outros de natureza semelhante, serviram para a construção de prototeorias e de interpretantes no manejo da análise de Kimie. A partir deles, fui acompanhando alguns fios condutores da análise que, às vezes, se cruzam; outras, correm paralelos; outras ainda se sobrepõem e, às vezes, se rompem, formando a trama e os buracos do tecido. Dos fios destaco pelo menos três, pela insistência e colorido emocional ao longo da análise. São eles: 1- construção identitária; 2- relação corpo/representação; 3- função dos sonhos nesta análise.

XIV – Narrativa e morada.

Em um bonito trabalho Olgária Matos²¹ afirma que: *"Construir e habitar é tarefa que participa do sagrado, da indivisão entre a natureza, os homens e seus deuses. Assim o mundo torna-se um cosmo habitável"*. Nele, a autora ainda traz o depoimento do crítico literário Peter Szondi que relata conversa de judeus foragidos do nazismo, sobre a escolha de um país para emigrar quando, um deles afirma que partirá para o Uruguai. Espantados os outros perguntaram: - *"Mas por que tão longe?"* Ao que aquele responde: *"Longe de onde?"* *"Perdido um lugar de origem e pertencimento, dispersa-se a história e a subjetividade, com o que todos os lugares se equivalem"*. Mais adiante faz referência a Walter Benjamin que encontra no advento da racionalidade moderna o fator do desenraizamento do homem na contemporaneidade, ao mesmo tempo que faz defesa da narrativa como possibilidade de organização da experiência..

²¹ Matos, O., A experiência: narração e morada do homem. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 34(62/63): 69-75, dez. 2001. P. 69/70.

Também o comovente depoimento de Stefan Zweig,²² no seu livro *O mundo que vi*, fala da condição dramática vivida por toda sua geração. Diz: *“Por três vezes derrubaram minha casa e existência, apartaram-me de tudo o que existira e passara, e com uma veemência dramática lançaram-me no vazio, no conhecido ‘Não sei para onde ir’. () De todo o meu passado, não tenho comigo, pois, nada além do que está atrás de minha testa. Todo o resto está inalcançável para mim neste momento ou foi perdido. () Portanto, falem e escolham em meu lugar lembranças minhas, e dêem pelo menos um reflexo de minha vida antes que ela mergulhe na escuridão!”* Embora Zweig tivesse fôlego e talento para nos deixar uma obra valiosa, testemunha de seu tempo e história, não podemos deixar de concordar: foi demais! Diante da brutalidade vivida, só lhe restou uma única saída: o suicídio compartilhado com sua esposa.

À nossa Kimie restou o desmanchar-se. Desenraizada da casa dos pais pelo casamento, e fracassando na entrada na família do marido, Kimie sofre um colapso para o qual não possuía recursos para se defender. Vale a pena aqui resgatar o ponto de vista de Winnicott quando diz que o medo do colapso, experimentado por muitos pacientes, é na verdade *“o medo por um colapso que já havia sido experimentado”²³*. O medo de que algo terrível venha a acontecer – *o frio da morte* – que pode destruir o próprio paciente, é algo que já aconteceu. Esse algo terrível que aconteceu não pode ser integrado às experiências do indivíduo dado o grau de imaturidade de seu ego e a insuficiência das condições oferecidas pelo ambiente. Na análise, torna-se possível experimentar pela primeira vez o colapso que já ocorreu, dada a função de suporte oferecido pelo analista. Assim o colapso vivido no próprio corpo que se desmancha, Kimie o revive em seguida nas produções oníricas de cunho terrorífico que traz para a análise. Seu desenraizamento lembra o do próprio pai imigrante japonês que vem para o Brasil ainda rapazote, por volta dos 15 anos, só, porque em seu país não lhe restava mais nada a não ser ingressar numa carreira *kamikaze*.

Diz Bachelard²⁴ que a casa é o *“nosso canto no mundo”*, é *“nosso primeiro universo”*. E o benefício mais precioso da casa seria dar abrigo ao devaneio, proteger o sonhador e permitir-lhe sonhar em paz. *“Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma”²⁵*. A casa natal é inscrita em nós e é a ela que voltamos quando sonhamos ou quando nos empenhamos em redefinir nosso eixo interior. Além disso sabemos da relação simbólica entre casa e corpo, casa e ser: não chamamos os olhos de janelas da alma? O que dizer, então, se a perdemos? Resta-nos a reconstrução.

²² Zweig, S., *O mundo que vi*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. 1999. P.7 e 13.

²³ Winnicott, D. W., Fear of breakdown. In: Winnicott, C.; Shepherd, R. & Davis, M., (eds) *Psychoanalytic Explorations*. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 1992, p. 90. Agradeço a Karina Codeço Barone esta contribuição.

²⁴ Bachelard, G., *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.24

²⁵ Idem, p. 26

Não como Dom Casmurro primeiro entendeu, mas através do conselho de seus fantasmas para que narrasse suas experiências, pois, como ele próprio concluiu: *“Desse modo viverei o que vivi, e assentarei a mão para obra de maior tomo”*.

À Kimie coube destino mais modesto, mas mesmo assim importante. A reconstrução de sua capacidade de pensar e de sua morada/ser através do longo trabalho de análise.

XV- Pensar com a própria cabeça.

Dois anos depois de terminada a análise de Kimie, encontro-me com a pessoa que me encaminhara. E ela fala, em tom coloquial: - *Kimie vai bem, embora passando alguns problemas com a família. Antes ela era a própria mãe. Mas ela agora pensa com a própria cabeça*